Vida Internacional

A proposito das reparações -- Como a Allemanha renasce para o trabalho e para a lucta economica

A' hora em que redijo estas mal notadas regras, o problema dos reparações continúa suspenso do exito ou inexito das confabulações diplomaticas, feitas sob uma grande reserva e dadas ao pabulo da imprensa por conta, peso e medida, não vá a incontinencia da linguagem periodista aziumar ainda mais este caso exacerbado e melindroso...

Entretanto os francezes clamam que se o *Reich* não paga é porque não quer e ha portanto que coagi-lo á entrega das reparações devidas em mercadorias e em dinheiro. A Alemanha deve 62.400.000.000 de marcos ouro, montante fixado em Londres e em Spa. Os pagamentos feitos não excedem 1.779.745.000 marcos ouro, incluidas as entregas feitas por ocasião do armisticio, as prestações em mercadorias e os gastos do exercito de ocupação.

A comissão de reparações constatou oficialmente, até 9 de janeiro de 1923, as seguintes faltas de pagamento:

23 de junho de 1920 — Insuficiencia da entrega de carvão.

23 de março de 1921 — Recusa de entrega d'um bilião de marcos ouro.

3 de maio de 1921 — Recusa de entregar ao Banco de França a soma supra, cujo pagamento fôra adiado para 30 de abril.

26 de dezembro de 1922 — Entrega de madeiras. Inexecução das requisições feitas pela França em 1922.

8 e 9 de janeiro de 1923 — Insuficiencia das entregas de carvão feitas á França em 1922.

Foi após estas constatações e após o malogro da conferencia de Paris em 2 de janeiro, que o sr. Poincaré resolveu proceder á ocupação do Ruhr, executando o plano militar cuidadosamente estudado pelo marechal Foch e pelo general Weygand (19 de janeiro de 1923). A invasão, como diziam os jornaes alemães, começou imediatamente, comandada pelo general Degoutte, sendo mobilisadas para o efeito 9 divisões militares, cerca de 120.000 homens.

O resto — a historia d'estes inquietos 6 mezes — não precisam os leitores que lh'o rememore. São factos muito recentes e miudamente contados nas gazetas.

A França requer que o governo alemão lhe pague o estipulado nas conferencias internacionaes de Londres e Spa. A Alemanha declara que não pode pagar a quantia exigida, porque ela excede as suas capacidades economicas, alegação que a Inglaterra julga aceitavel e digna de estudo e ponderação.

Não poderá a Alemanha, de facto, solver os seus graves compromissos?

Os francezes dizem que sim, que pode. Que a sua industria está prospera e em extraordinaria actividade. Que as quantias que a Alemanha recusa ás reparações, as aplica a melhorar e augmentar o seu formidavel petrechal de trabalho, etc.

O sr. Victor Cambon e outros homens de conscienciosa e minuciosa observação, que após a guerra teem percorrido a Alemanha, dizem que em todo o territorio tudesco se nota um efervescente e perseverante labor. Casas, oficinas, fabricas, monumentos, navios — teem sido construidos sem cessar. Em volta das fabricas levantam-se excelentes cidades operarias, modernas, com todos os requisitos que dão conforto, higiene e gosto de viver: agua, electricidade, etc.

A Alemanha dispendeu prodigamente biliões para completar a sua utensilagem industrial — diz o distincto economista sr. Kergall, na sua excelente *Revue Economique et Financière*, corroborando-se com algumas cifras obtidas pelo *Times* n'um inquerito á riqueza alemã.

A Alemanha -- informa o grande diario londrino — concedeu:

98 biliões de marcos como subvenção ás companhias de navegação:

500 milhões de marcos como subvenção ás companhias dos cabos;

6 biliões e 750 milhões de marcos como subsidio ao *Mittelland Canal;*

10 biliões de marcos como garantia para o canal de Neckar;

3 biliões de marcos como credito inscrito no orçamento com o vago titulo de «despezas resultantes do tratado de paz».

Diz ainda o *Times* que não incluiu no seu inquerito os projectos orçamentados de cinco novos canaes; a construção e ampliação de portos, quer no litoral, quer no interior do paiz; nem os subsidios concedidos ao ensino, ao comercio, aos teatros, ás sociedades sportivas, ás companhias de navegação aerea, ás feiras comerciaes, etc.

A exploração dos productos mineraes do solo alemão tomou um desenvolvimento extraordinario, *kolossal*. Um amigo meu, regressado ha poucos mezes da Alemanha, deu-me, sobre este caso especial, informações preciosas.

Entre Brunswick e Halle existe o jazigo de potassa de Stassfurt, tão rico, que pode considerar-se inexgotavel. A' volta d'ele trabalham 60 fabricas de refinação dos saes.

O vale do Saale possue uma prodigiosa riqueza de combustivel; produz mais de 80 milhões de toneladas de linhite.

Perto de Marseburgo as treze chaminés gigantescas da fabrica de Leuna enegrecem o ceu com torvos rolos de fumo negro. Foi d'ali, dizem, que partiram para os campos de batalha os tubos dos gazes asfixiantes...

Na Baviera encontra-se a famosa *Badische Anilin und Soda Fabrik*, estupendo organismo de trabalho, a que pertence a grande fabrica de Oppau, estendida por uma superficie de 50 kectares. Arranca-se ali á terra carvão, linhite e productos azotados, utilizados como adubos. Esta fabrica foi destruida por uma tremenda explosão em 1921,

mas ao findar o anno de 1922 encontrava-se já em plena laboração.

Com esta fabrica e algumas outras de menor importancia, a Alemanha está produzindo anualmente 510.000 toneladas de azote utilisavel, consumindo apenas metade d'esta quantidade e dispensando portanto os adubos chilenos.

Por isso o seu rendimento agricola é muito superior ao da França. A Alemanha produz, por exemplo, 24,2 quintaes metricos de trigo por hectare e a França — diz uma revista franceza da especialidade — não excede 13,8; o rendimento do hectare em batatas é para a França de 74 quintaes metricos e para a Alemanha de 156 quintaes metricos.

A marinha mercante alemã renasce rapidamente, ameaçando a dos paizes vencedores com uma solida concorrencia. O porto de Hamburgo estava em 1920 quasi deserto. Agora os engenheiros alemães estão tratando de fazer novas e imensas docas, porque o porto é já estreito para o enorme trafego que tem. Os seus estaleiros são os maiores e melhor apetrechados do mundo. Ha pouco realisou-se a «Semana Maritima Alemã», cujo fim, segundo os cartazes e brochuras profusamente espalhados, era: *Fazer saber a todos que a Alemanha retoma o seu logar no mundo, que a sua marinha comercial, um momento desmantelada, renasce, que a exportação alemã está de novo prestes a dispersar-se sobre todos os mares e para todos os paizes.*

Encontra-se, pois, a Alemanha n'um estado de florescente prosperidade e n'um pujante estado de renascimento economico. O seu instrumental de trabalho é já o mais pujante da Europa e constitue um meio de riqueza formidavel, que a ocupação pode forçar a uma imobilidade parcial e temporaria, mas não destroe.

— E todavia não paga?...

— Não, senhores; não paga. Mas este já vae longo. No proximo artigo voltarei ao assunto, que é deveras interessante.

Correia Marques.